

J E A N N E A R A Ú J O

CERCAS *de*
PEDRAS

EDITORIA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORACÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

IMAGEM DA CAPA: © Depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A663c ARAÚJO, Jeanne. –
Cercas de pedras / Jeanne Araújo. – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.
68 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-576-8

1. Romance. I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Ardentes cercas de pedra

Quando o assunto é a palavra escrita e os desdobramentos artísticos que dela podem surgir, Jeanne Araújo não está para brincadeiras. Seus poemas, conhecidos no Rio Grande do Norte pela erótica tocante e deliciosamente desconcertante, são a prova cabal das suas seríssimas intenções. Os poemas de Jeanne parecem querer magnetizar o leitor, abrir as comportas da libido e desnudar uma sexualidade que a poetisa recria com poderosa imagética.

Jeanne também não veio à prosa a passeio. Ela estreou na pele da inquieta e sedutora Hilda, uma das protagonistas de *Combustão*, romance que a autora compôs junto com outro nome de peso das nossas letras, o escritor e jornalista Cefas Carvalho. O livro, escrito no estilo epistolar, foi lançado em 2018 e traz uma heroína que bem podia ser a versão condensada e em prosa, das muitas mulheres recriadas pela versátil autora acariense.

Neste novo trabalho, uma novela, que mais parece um rodamoinho, porque é intenso, breve, assustador e fascinante, Jeanne traz um enredo que se desenvolve através das lembranças e registros em diário da atormentada Blanche. Refém de um passado dramático, transtornada, quase destruída pela dor, Blanche volta no tempo, para relatar sua história de paixão e queda.

A protagonista, que também é a narradora por quase toda a trama, nasce na interiorana Florins, árida e ardente como os próprios sentimentos da menina apaixonada por poemas que vai se envolver com um homem mais velho e comprometido. O tórrido romance vai lançar a jovem em um turbilhão de violência que não dará trégua pelos anos futuros. A cena da partida da adolescente Blanche para a capital, forte, trágica, com evocações amargas e poéticas, foi a que mais me comoveu porque envolve uma mãe que não suporta o escândalo da relação adúltera que a filha protagoniza. Essa imagem de uma mãe rejeitadora e agressiva ficará cristalizada em seu inconsciente e perseguirá Blanche para sempre.

No último diálogo, me senti como o leitor/pugilista descrito por Cortazar quando caracterizou o texto de breve extensão. “Mordente, incisivo e sem trégua”, a história me nocauteou, após me acoessar com a trajetória de uma mulher que não tem qualquer interesse em se revelar aos que estão fora de sua cabeça, apesar da recomendação médica de que escreva um diário – Blanche fala apenas para si mesma – mas este silêncio avassalador grita seu sofrimento para nós.

Ao final, após o golpe causado por uma criativa reviravolta, ainda zozna no ringue, fiquei pensando em como este tipo de narrativa é importante para a literatura, à medida que apresenta a versão radical das dores que tentamos mascarar. Jeanne não nos oferece a tão aguardada redenção. Após a última linha, estamos sós com a verdade por ela apresentada. Resta-nos tomar um café, uma das paixões da autora, ou fazer algo que nos revigore da dolorida constatação que a trajetória de Blanche traz.

*Ana Cláudia Trigueiro – romancista, contista
e cronista com seis livros publicados.*

A volta

A ESTRADA ZIGUEZAGUEAVA TANTO que me dava enjoos. A poeira subia e infiltrava-se nas minhas narinas e nos meus olhos, transformando-se numa cortina de pó diante do automóvel. A seca – pensei. Minha terra estéril estava também dentro de mim, me consumindo, me aniquilando. Senti um misto de prazer e horror. Prazer por estar de volta. Horror por não saber como reencontrar-me com as tardes cinzas e quentes do meu sertão.

O medicamento que me deram antes de sair da casa de saúde me deixou sonolenta e a camisa de força deixou meus braços dormentes. Não me importo. É o preço que eu pago por ser louca. Que me importa? Sorrio histericamente. Enfim, estou de volta ao negro começo da tortura. Olho as árvores secas passando em toda velocidade pela pequena janela da ambulância e finalmente sou vencida pelos fortes soníferos.

De manhã – acredito ser manhã por causa dos pássaros negros – acordo e tomo meu desjejum – um chá de camomila, alguns biscoitos e mais medicamentos. Joana, minha enfermeira e acompanhante, contratada por meu filho para cuidar da mãe louca, me avisa:

– Coma tudo direitinho, Blanche, depois trago seus papéis.

Meus papéis, minha única alegria, meu único alívio nesses anos todos. Com as mãos trêmulas, me ajesto devagar na cama

e faço meu desjejum. Engulo meu ódio, minha dependência e minhas drogas. Rosa despetalada ao vento – escrevi no diário que preciso fazer – ordens do médico para que eu pudesse sair do manicômio. Escrever uma espécie de diário pra ver a quanto anda minha loucura. Vejo-me no reflexo do espelho na parede. Ainda sou bonita. Olho então para Joana com um olhar desafiador e astuto.

Acordo sem saber exatamente que horas são. Há um silêncio profundo pela casa. Reparo que o espelho foi retirado do quarto. Não me importo, contanto que não me tirem os livros e meus papéis. Agora estou tentando levantar-me e minha cabeça roda. Malditos remédios. Devagarinho ando, arrastando os pés pelo chão e segurando-me nas paredes até a janela. Estou em uma espécie de sítio ou chácara. Deve ser a chácara que meu filho, deputado federal, comprou para esconder a mãe louca. Sei que fica em Florins. Nasci e vivi aqui toda uma vida. Pelo que vejo, morrerei também aqui. Com que Florins se parece? Como uma cidadezinha tão seca pode ter nome de flor, de jardim? Se eu olhar pela janela, o que vejo? Cinza, silêncio e solidão. Mais espinhos que pássaros. Mais cruces que pedras. Não há flores. Apenas cercas e camisas de força.

Florins

PASSO OS DIAS ENTRE MEU QUARTO e um pequeno jardim na frente da chácara. Gosto mais quando vai entardecendo, quase à noite, quando o canto das cigarras enche o ar. Parece que todas enlouquecem de vez e põem-se a gritar. Eu gritei muito. A minha vida inteira, gritei, me descabelei. Tudo que vivi, vivi com toda a intensidade. Amei até minha alma gritar de dor. Sofri e fui ao fundo do poço. Não há como avaliar perdas e ganhos. Mas, acredito que as perdas foram maiores. Ultimamente tenho sentido vontade de ir visitar o cemitério público de Florins. Vou comprar um túmulo, estou velha, quero morrer com dignidade. Não quero me enterrar no mausoléu que meu filho construiu na capital, quero ser enterrada aqui, dormir meu sono eterno nessa terra que me deu a vida, quero devolvê-la. Para quem não consegue dormir a anos sem a ajuda de medicamentos, morrer deve ser a glória suprema.

No domingo, Joana me leva ao pequeno cemitério. Fico emocionada ao reencontrar-me com tantas pessoas que fizeram parte da minha infância. Dona Zefinha doceira, nossa vizinha que fazia puxa-puxa. Tia Chica que fazia colher de pau pra vender na feira e a gente lixava até ficarem bem lisinhas. Papai e Mamãe também descansam aqui. Foi papai quem me deu esse nome: Blanche. Era um sonhador, um romântico irrecuperável,

um boêmio. Adorava cinema e foi de um filme – Um bonde chamado desejo – que ele tirou meu nome. Mamãe ficou danada de raiva, dizia que era nome de prostituta. Passou semanas sem falar com papai, ele me contava essa história sorrindo e piscava seu olho pra mim. Acho que herdei isso dele, a paixão pela arte e pela boemia. No final do cemitério, mais para a direita, fica a casinha de Seu Eleutério, coveiro da cidade. Estudei com Aninha, sua filha, até o magistério e abandonei o curso. Ela se formou com louvor. É professora aposentada e mora com o marido, que assumiu o trabalho do sogro. Dirijo-me até lá. Bato palmas e Aninha vem me receber. Pareço voltar no tempo quando andávamos juntas pela praça de Florins paquerando os rapazes. Ela me serve um café e Joana faz menção de tomar a xícara da minha mão. Estou proibida pelos médicos por causa da cafeína, me deixa agitada.

– Eu estou morrendo Joana, preciso ter algum prazer antes de ir embora desta vida. Deixe-me a sós com Aninha, quero recordar o passado.

Joana sai e fica olhando os túmulos ao redor da casa. Mas não tira o olho de mim. Tenho carinho por ela, me cuida como se cuidasse de uma criança. Converso com Aninha durante uma hora, é tempo suficiente para lembrar um passado que enterrei tão fundo que adoeci. Quem sabe trazendo-o à tona, não haja cura?

Diário

O AMOR ME EMUDECIA. Ficava parada, olhando seu corpo e o acariciava, tocava todos os seus vãos, pele aveludada. Tinha ímpetos de mordê-lo em todos os lugares, vontade de deixar minha marca e demarcar território, o meu território. Ele ria quando eu falava isso. Brincava e dizia que era de todas e não era de nenhuma. Mas que eu o tirava do sério, que só comigo ele sentia tanto prazer, que só comigo ele casaria, se um dia tivesse coragem. E eu, acreditava. Acreditava em tudo o que ele dizia e prometia. Boba, achava que aquilo fosse amor. Isso foi antes de eu descobrir que ele era casado. Professor de línguas e casado. Pai de três filhos lindos. Inúmeras amantes. Escritor inveterado. Boêmio. No início, eu guardava meu amor todo em latinhas e a cada dia eu dava um bocadinho a ele. Queria que ele se acostumasse aos poucos, mas, depois que eu descobri sua verdadeira identidade, eu me dei aos borbotões, eu quis esse homem para mim a qualquer preço.

Quando nos encontrávamos, o tempo era muito pouco pra nos amar e conversar sobre literatura. Amava o jeito certinho dele organizar tudo para mim. Líamos livros, romances, poemas, bebíamos cerveja ou vinho, e entre uma coisa e outra fazíamos amor. Adorava o jeito com que ele me comandava na cama. Ele me dizia ao ouvido obscenidades e eu me entrega-

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen bold 90 g/m², em setembro de 2019.
